

Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos

Bruno Gonçalves Carneiro¹

Resumo

Considerando o papel do corpo na compreensão da realidade (JOHNSON, 1992; LANGACKER, 2002; 2008) e da iconicidade na organização léxico-gramatical das línguas sinalizadas (TAUB, 2001; BRENNAN, 2005), observamos a relevância da experiência corporal e do *input* visual no processo de ampliação lexical da Libras. Para isso, analisamos um grupo de novos sinais criados por membros de uma comunidade surda. Atualmente, a Libras circula em espaços dos mais diversos, o que exige do sistema ampliação lexical de maneira consistente e responsável. Conhecer as estratégias de formação de sinais pode favorecer a implementação de políticas linguísticas envolvendo a comunidade surda brasileira. A partir dos dados, percebemos características físicas dos referentes nos novos sinais. Notamos a influência da informação visual, concebida pela comunidade surda, nesse processo de ampliação lexical.

Palavras-chave: Léxico. Libras. Iconicidade. Experiência corporal.

¹ Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. Professor da UFT, Campus de Porto Nacional, no curso de Letras Libras. Email: brunocarneiro@uft.edu.br

Abstract

Takes into account the role of the body about understanding of reality (JOHNSON, 1992; LANGACKER, 2002; 2008) and iconicity in lexicon grammar organization of sign languages (TAUB, 200; BRENNAN, 2005) we observed the relevance of body experience and visual input in process of Brazilian sign language lexical enlargement. For this, we analyse a group of new signs created by members of a deaf community. Currently, the Brazilian sign language circulates in different spaces, which it demands of the system lexical enlargement in consistent and responsible way. To know strategies about sign formation can favour the implementation of linguistic policies about Brazilian deaf community. From the data, we perceived the physical characteristics of the referent in new signs. We noted the influence of visual information, conceived by deaf community, in this lexical enlargement process.

Key works: Lexicon. Libras. Iconicity. Body experience.

1 Introdução

A partir de conquistas da comunidade surda brasileira, a Libras circula em espaços outrora inimagináveis, o que exige do sistema ampliação lexical de maneira consistente e responsável. Ressaltamos que a implementação de políticas linguísticas perpassa por descrições adequadas da língua. Este trabalho busca contribuir, de alguma forma, com mais conhecimento sobre a Libras.

Os aspectos funcionais das línguas materializam-se de forma ampla e diversa. Daí o desafio de “olhar as línguas de sinais a partir delas mesmas enquanto línguas visuais-espaciais” (QUADROS, 2006, p. 169). De acordo com Meier (2002, p. 5), “podemos ficar seguros quanto ao entendimento de que a discussão sobre as diferenças de modalidade não

ameaçam a fundamental conclusão de que as línguas de sinais são, de fato, línguas”. Neste trabalho, atentamo-nos em evidenciar justamente o caráter icônico das línguas de sinais, particularidade que possibilita uma relação mais transparente entre forma e significado.

Dessa forma, observamos o papel da experiência corporal e do *input* visual durante o processo de ampliação lexical da Libras. Analisamos um grupo de novos sinais criados por membros da comunidade surda de Araguaína, Estado do Tocantins. Baseamo-nos em Johnson (1992) e Langacker (2002; 2008), sobre o papel do corpo na compreensão da realidade, e em Taub (2001) e Brennan (2005), sobre iconicidade na organização léxico-gramatical das línguas de sinais.

2 Bases corporais da linguagem

Segundo Langacker (2008), concepção consiste na faculdade de compreender as coisas. Significa formar uma imagem subjetiva do mundo, dar expressão a algo em nossas mentes. Um processo que culmina nas ações de imaginar e entender, de acordo com determinado ponto de vista, tanto individual quanto coletivo. Diferente da palavra conceito, que remete a algo estático e invariável, concepção diz respeito a um processo que ocorre na mente do falante e envolve todas as facetas da atividade mental, abrangendo as noções já estabelecidas e as novas, experiências motoras, sensoriais e emotivas, apreensão do contexto físico, linguístico, social e cultural, além de se estruturar ao longo do tempo (mesmo as noções mais simples).

Todo esse processo é baseado na realidade física, apesar de ser uma atividade mental. Ela ocorre no cérebro, que funciona como parte integrante do corpo – que, por sua vez, é parte integrante do mundo.

As conceitualizações que nós consideramos são inegavelmente internas, no sentido de que ocorrem no

cérebro, mas vão mais além, por serem conceitualizações acerca de algum aspecto do mundo. Ao falar, nós conceitualizamos não só o que estamos falando, mas também o contexto em todas as suas dimensões, incluindo a avaliação do conhecimento/intenção do nosso interlocutor. Ao invés de insular, portanto, a conceitualização deveria ser vista como um meio primordial de envolver o mundo. (LANGACKER, 2008, p. 28-29).

A concepção relaciona-se a esquemas de imagem, que consistem em padrões esboçados de atividade, abstraídos de nossa experiência corporal diária. Essas elaborações fundamentais dão lugar a conceitos mais refinados e abstratos. Mesmo em situações que envolvem aspectos jamais vivenciados, o sujeito evoca dados de memória e manipula conceitos que estejam relacionados às concepções fundamentais (LANGACKER, 2002; 2008). Silva (s/d) cita a ideia que temos de equilíbrio, apreendida a partir de nossa experiência corporal. É deste esquema imagético (corporalmente concebido) que elaboramos essa noção em domínios abstratos, como o de estado psicológico, das relações jurídicas, entre outros.

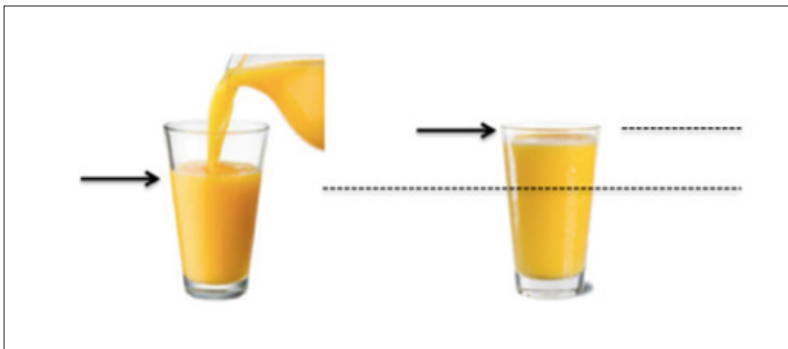
Segundo Johnson (1992), os esquemas de imagem, gerados a partir de nossas interações, possibilitam-nos experienciar, entender e raciocinar sobre o mundo. Tais estruturas não são fixas, mas alteradas de acordo com as situações particulares a que são atribuídas. Assim, esquemas de imagem são estruturas que organizam a nossa atividade mental, operadas pela nossa percepção, movimentos corporais e manipulação de objetos. Eles estão relacionados a várias modalidades, mas esquemas de imagem visuais parecem ser predominantes.

As frases a seguir, apresentadas por Johnson (1992), são uma mostra de como a concepção de mundo está diretamente atrelada à nossa experiência corporal diária. O autor apresenta e justifica o porquê da concepção “aquilo que é mais é pra cima”.

Os preços continuam a subir.
O número de livros publicados a cada ano se mantém em alta.
Seu rendimento bruto caiu.
Abaixa a temperatura.

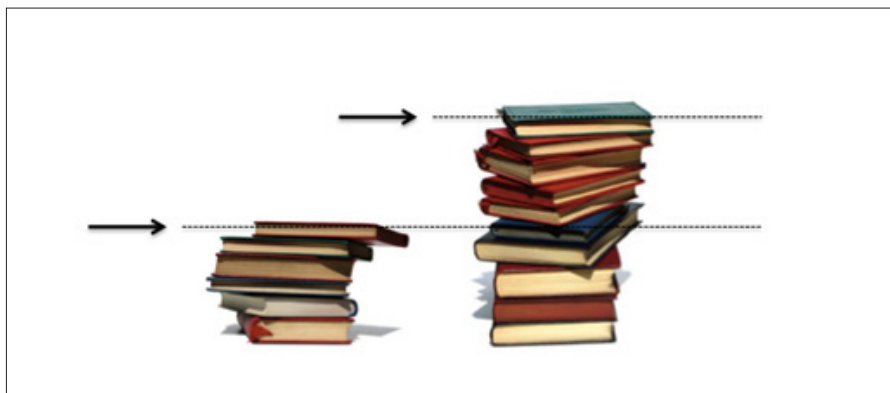
A explicação baseia-se na criação de esquemas de imagem visuais associados às nossas ações corporais cotidianas. Ao adicionarmos líquido a um recipiente, por exemplo, podemos observar que o nível do conteúdo aumenta. A impressão visual que temos desta situação nos conduz a construir uma relação direta entre o aumento do volume do líquido e da altura do marco de medição. Fazemos a mesma analogia em relação a uma pilha de livros, que terá altura maior à medida que mais livros forem ali adicionados. Assim, torna-se explícita a associação entre o aumento dimensional dos referentes envolvidos e o *input* visual que revela uma elevação do nível no marco de referência (considerado aqui uma unidade subjetiva de medida). A combinação imagética, proveniente da experiência perceptual, promove a concepção “aquilo que é mais é pra cima” e passa a fazer parte de outros contextos. As Figuras 1 e 2, a seguir, ilustram essas noções.

Figura 1 - Imagem de “aquilo que é mais é pra cima” (líquido)



Fonte: Imagem adaptada da internet. Disponível em <<http://tinyurl.com/yc4qrbdz>>. Acessado em: 29 dez. 2016.

Figura 2 - Imagem de “aquilo que é mais é pra cima” (livros)



Fonte: Imagem adaptada da internet. Disponível em <<http://tinyurl.com/y9eh92q2>>. Acessado em: 29 dez. 2016.

O entendimento do mundo, a geração de conhecimento sobre a realidade e a construção de significado envolvem facetas imaginativas estruturadas a partir de ações cognitivas, dependentes de nossa experiência corporal cotidiana. Assim, o corpo do falante é primordial na geração de noções fundamentais de entendimento. O fenômeno da concepção e questões como categorização, polissemia e metáfora passam a ter uma origem corporificada, dependente de nossa capacidade perceptual e motora (JOHNSON, 1992).

A concepção do mundo, dessa forma, realiza-se por meio de um processo dinâmico, interativo, imagético e imaginativo; sua apreensão envolve um procedimento cognitivo amplo que remete à nossa experiência corporal (LANGACKER, 2002; 2008).

3 Motivação e iconicidade nas línguas de sinais

Os surdos posicionam-se no mundo a partir da diferença surda (PERLIN, 2005). Neste sentido, o povo surdo carrega traços específicos

na construção simbólica e na forma de significar o mundo. Assim, as línguas de sinais refletem o modo como concebem a realidade.

As línguas de sinais explicitam a relação entre corpo, realidade e sistema linguístico, devido à sua natureza articulatória manual-corporal-espacial. Isso possibilita ao sinalizador codificar concepções diversas e construir estruturas icônicas, capazes de transmitir grande número de informações de maneira simultânea. Assim, as línguas de sinais são vantajosas em codificar, de modo transparente, características do processo de concepção (CARNEIRO, 2015).

Segundo Taub (2001) e Brennan (2005), vivemos num mundo visual. Ao observarmos o entorno, verificamos que estamos rodeados por contornos, formas e dimensões. Mas nem sempre essas entidades contam com um som associado. Até mesmo as noções mais abstratas, como descrito na seção anterior, remetem à experiência corporal diária. Logo, há maior número de esquemas de imagem visuais e cinestésicos associados a conceitos do que sonoros. Daí a prevalência da relação transparente entre forma e significado nas línguas de sinais em relação às orais, visto que tais características imagéticas podem ser preservadas pelo sistema articulatório daquelas. Dificilmente manifestam-se num meio de representação acústico. Segundo Leite (2008), esse

[i]ncrível potencial de representação icônica nas línguas de sinais parece poupar essas línguas da necessidade de construir sentidos por meio de recursos e processos morfológicos e sintáticos. Esse talvez seja um dos motivos pelos quais esses dois domínios sejam relativamente simples nas línguas de sinais, quando comparados às línguas orais de maneira geral. (LEITE, 2008, p. 40).

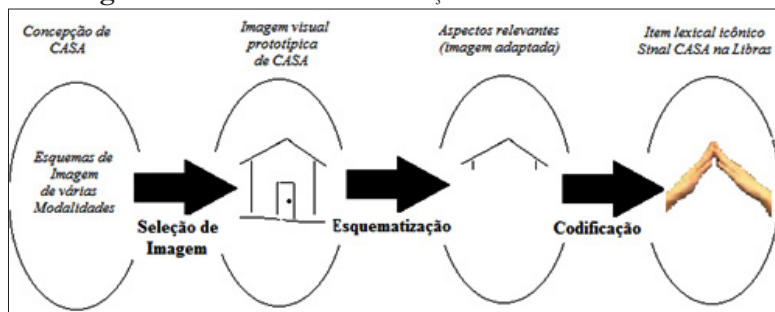
Taub (2001) apresenta o Modelo de Construção Analógico como uma proposta de criação de itens lexicais e aspectos gramaticais icônicos, tanto em línguas faladas quanto sinalizadas. O modelo é descrito a partir das etapas “seleção”, “esquematisação” e “codificação”, que, segundo a

autora, apesar de expostos em separado, são processos cognitivos que podem ocorrer simultaneamente.

Para Taub (2001), vários conceitos emergem de nosso conhecimento enciclopédico, que consiste em esquemas de imagem provenientes de diferentes modalidades sensoriais. A “seleção” corresponde à escolha de uma imagem que represente a entidade evocada e é coerente com a modalidade da língua que a representará. De posse de uma imagem prototípica à comunidade de fala, ocorre a atividade de “esquematisação”. Nessa etapa, a imagem é destituída de alguns detalhes, para ser manipulada pelo sistema fonético e se encaixar numa categoria semântica da língua em questão. Há uma reformulação a preservar apenas seus aspectos mais relevantes. Por fim, a imagem é codificada numa forma linguística que mantém partes da estrutura imagética original, resultando numa relação transparente entre forma e significado. Apesar de o item icônico remeter a características específicas de um único referente, pode representar uma categoria taxonômica.

A seguir, apresentamos o processo de criação de itens lexicais icônicos (Modelo de Construção Analógico), com base na proposta de Taub (2001). A Figura 3 ilustra esse processo a partir do sinal glosado como CASA.

Figura 3 - Processo de construção de itens lexicais icônicos



Fonte: Adaptado de Taub (2001, p. 44).

Assim, o esquema imagético não determina a forma icônica do item lexical, mas o motiva. Ainda de acordo com Taub, o processo acima está submetido às escolhas de esquemas de imagem e ao repertório fonético disponível, ambos dependentes da convenção da comunidade de fala. É importante destacarmos que “iconicidade não é uma relação objetiva entre imagem e referente; ao invés disso, é a relação entre nossos modelos mentais de imagem e referente” (TAUB, 2001, p. 19).

O processo de construção de itens icônicos pode disponibilizar uma gama de possibilidades aos falantes para a criação de novas representações. São ferramentas disponíveis também para a criação de estruturas imediatas e transitórias. A partir do uso dessas construções de maneira contínua, há uma mudança na complexidade de representação pictórica (altamente icônico). Em um processo diacrônico, essas formas tornam-se mais simplificadas, pelo resultado de economia da ação, mesmo mantendo algumas características originais (KENDON, 2004; ZESHAN, 2003).

4 Sinais de localidades em Libras

Como usuários de uma língua de sinais natural, surdos nomeiam localidades em Libras. E como qualquer topônimo, o ato de nomear perpassa pela visão de mundo da comunidade de fala.

A ação de nomear um lugar projeta uma visão de mundo de uma comunidade e revela traços naturais ou culturais a eles pertencentes. Deste modo, a nomeação dos lugares e do nome das pessoas, dada pelo ser humano, comporta aspectos relevantes a serem considerados nos estudos da linguagem. (SOUZA-JÚNIOR, 2012, p. 21).

Souza-Júnior (2012) fez um levantamento de sinais de localidades na Libras, de diferentes regiões do Brasil, em um total de 265 (duzentos e sessenta e cinco), abrangendo sinais de cidades e Estados. O autor

descreveu as características linguísticas desses itens lexicais e apresentou uma distribuição a partir da frequência do tipo motivação, seguindo a análise descritiva de Dick (2002).

Segundo Souza-Júnior, os sinais do *corpus* apresentaram uma diversidade motivacional. A maior frequência de motivação do signo toponímico na Libras foi a grafia do nome em língua portuguesa. Os dados mostraram um vasto uso da letra inicial dos nomes próprios nos sinais em libras. Isso se dá por conta da coexistência de língua de sinais e língua oral num mesmo espaço, o que estabelece uma relação de influência do português sobre a Libras. Acontece também que, quando não há um sinal próprio para determinada localidade, a soletração manual serve como recurso para referência. Com o tempo, essa estratégia pode ser lexicalizada ou substituída por um sinal (SOUZA-JÚNIOR, 2012).

A segunda maior frequência de motivação do signo toponímico na Libras está relacionada a elementos da cultura material do lugar. Dentre os motivadores estão a arquitetura da cidade nomeada, objetos da cultura material de simbolismo regional e decalque² (de um ergotopônimo³).

Considerando o corpo na organização das línguas sinalizadas, observamos a presença do caráter icônico em novos sinais criados por sinalizadores surdos na cidade de Araguaína, Estado do Tocantins⁴. O

² Decalque diz respeito a uma versão literal do topônimo original emprestado. Grosso modo, seria uma versão literal do nome (em português) na Libras.

³ Ergotopônimos são topônimos motivados por elementos da cultura material do lugar.

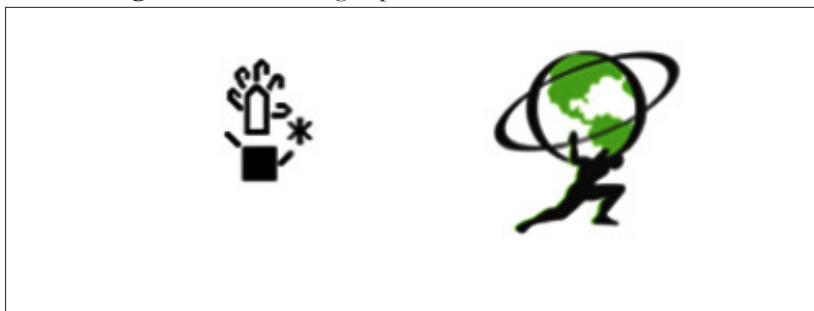
⁴ Membros da comunidade surda local, em 2013, realizaram discussões periódicas com o intuito de conhecer mais sobre o léxico da Libras falada na cidade. As atividades aconteceram por meio de encontros semanais, coordenados por uma professora surda de Libras. A ideia desses encontros parte da necessidade urgente, entre os sinalizadores, de levantamento, registro e maior circulação de itens lexicais utilizados pela comunidade em Araguaína. Em alguns encontros, havia criação de sinais. Nessa situação, membros do grupo (composto predominantemente por surdos) apresentavam propostas para um referido local. Antes de discutir as possibilidades, havia sempre os questionamentos: qual a imagem/o logotipo do empreendimento? Características do imóvel? Características do local? A coordenadora das atividades organizou uma mostra com imagens dos referentes, a partir das demandas que o grupo apresentava. Após as propostas, os novos sinais eram validados pela maioria.

corpus analisado é composto por 31 (trinta e um) sinais, que dizem respeito a instituições de ensino básico e superior, estabelecimentos comerciais do ramo de alimentação, academias, praças e uma rua do centro comercial.

Destes, 18 (dezoito) sinais – 60% dos dados – apresentaram características do referente, o que proporciona caráter icônico em seus parâmetros formacionais. Observamos que esses itens foram motivados pelo “arranjo” do referente: disposição das calçadas, características da construção, características de monumento e de logotipo do estabelecimento. Os traços articulatórios relacionados a movimento, configuração, orientação e posição das mãos codificaram, de maneira produtiva, um recorte dessas características, por meio do *input* visual do próprio local ou de um símbolo (no caso, de logotipo dos referentes).

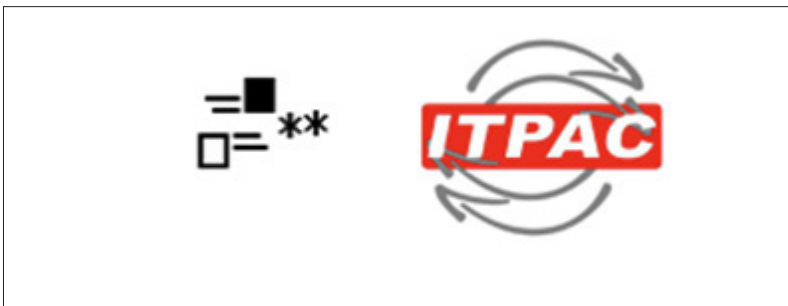
A Figura 4, a seguir, ilustra o sinal de uma das academias da cidade, cujos parâmetros foram motivados pelo *input* visual do logotipo do estabelecimento. A configuração e a orientação das mãos, bem como a disposição entre elas (o contato), remete à concepção de como a comunidade de fala referencia o ambiente, a partir da experiência corporal. O mesmo acontece com o sinal de duas instituições de ensino superior (Figura 5 e Figura 6), cujos traços articulatórios também estabelecem uma relação transparente com o logotipo das instituições.

Figura 4 - Sinal e logotipo de uma academia da cidade



Fonte: *Corpus* da pesquisa e imagem adaptada da internet. Disponível em: <<http://www.academiaatlas.com>>. Acessado em: 29 dez. 2016.

Figura 5 - Sinal e logotipo de uma instituição particular de ensino superior da cidade



Fonte: *Corpus* da pesquisa e imagem adaptada da internet.

Disponível em: <<http://tinyurl.com/y9n55k5c>>. Acessado em: 29 dez. 2016.

Figura 6 - Sinal e logotipo de uma instituição pública de ensino superior da cidade



Fonte: *Corpus* da pesquisa e imagem adaptada da internet.

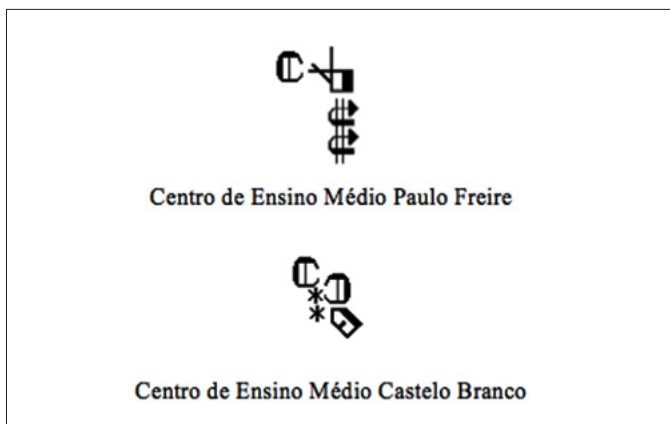
Disponível em: <<http://tinyurl.com/y9mo8yql>>. Acessado em: 29 dez. 2016.

Dessa forma, parece que uma estratégia usada para a criação de novos sinais foi considerar características físicas do referente, como imagens do local (características do imóvel, disposição da construção) ou do símbolo/logotipo do empreendimento/da instituição. Notamos a influência de características do referente (*input* visual concebido pela comunidade surda sobre tais referentes) como um recurso para a ampliação lexical da Libras.

Os outros 13 (treze) sinais – 40% dos dados – são motivados pela

grafia do referente em língua portuguesa⁵, o que gerou empréstimo total ou parcial do português na Libras. Em um desses sinais, houve motivação do tipo decalque⁶. A Figura 7, a seguir, ilustra os sinais de duas instituições de ensino, motivados pela grafia do nome em língua portuguesa.

Figura 7 - Sinal de duas instituições públicas de ensino médio da cidade



Fonte: *Corpus* da pesquisa.

5 Considerações Finais

A língua é um sistema simbólico cuja estrutura remete a concepções provenientes de esquemas de imagem atrelados à experiência corporal. É provável que características como motivação e iconicidade sejam o alicerce na formação de seu conjunto lexico-gramatical. A língua é, portanto, imagética por natureza (LANGACKER, 2008).

Os novos sinais icônicos, criados pela comunidade surda,

⁵ No estudo de topônimos, Souza-Júnior (2012) propõe a criação de uma taxa, denominada de grafotopônimo, para atender esse tipo de motivação.

⁶ Souza-Júnior (2012) parece classificar alguns sinais decalque como ergotopônimos porque a versão literal em Libras acompanha a motivação do nome original em língua portuguesa (elementos da cultura material do lugar). Este não é o caso aqui.

apresentam características articulatórias que remetem a propriedades físicas do referente. Eles não representam (de maneira direta) os referentes, mas a concepção que a comunidade de fala constrói sobre tal realidade. A emergência de esquemas de imagem visuais, que motivou a preservação de propriedades dos referentes, provém de experiências socialmente partilhadas pela comunidade e atesta o caráter convencional desses sinais. Ou seja, as atividades imaginativas apoiam-se na experiência corporal, dependente da cultura. Mais uma vez, o *input* visual parece ter papel importante nesse processo.

A iconicidade repousa no uso da língua enquanto ferramenta comunicativa. Não seria inconveniente admitir que as línguas são icônicas dentro das possibilidades, restritas pela modalidade do sistema. Trata-se de uma tendência de todas as línguas, e não uma falha de organização das línguas de sinais (TAUB, 2001).

Este estudo deve ser ampliado e aprofundado. Precisamos compreender mais sobre essa relação produtiva entre corpo, realidade e línguas sinalizadas. É necessário também levantamento, registro e circulação de sinais topônimos do Tocantins e de outras localidades do Brasil, como acervo do patrimônio linguístico cultural nacional.

Referências

BRENNAN, M. Conjoining word and image in british sign language (BSL): an exploration of metaphorical signs in BSL. *SignLanguageStudies*, v. 5, n. 3, 2005. p. 360-382.

CARNEIRO, B. G. O corpo na concepção de eventos na língua de sinais brasileira. *Revista Antares*, v. 7, n. 14, jul./dez. 2015. p. 297-312.

JOHNSON, M. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. 233p.

KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 400p.

LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2008.

LANGANCKER, R. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 2002. 395p.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008. 573p.

MEIER, R. P. Why different, why the same?: explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOZ, D. (Orgs.). *Modality and structure in signed and spoken languages*. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 1-26.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 51-74.

QUADROS, R. M. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. *Educação Temática Digital*, v. 7, n. 2, 2006. p. 168-178.

SILVA, A. S. *Linguistic cognitive: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. Universidade Católica – Faculdade de filosofia de Braga. s/d. Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>. Acessado em: 22 ago. 2011.

SOUZA-JÚNIOR, J. E. G. *Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais*. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

TAUB, S. F. *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 274p.

ZESHAN, U. “Classificatory” constructions in Indo-Pakistani sign language: grammaticalization and lexicalization processes. In: EMMOREY, K. *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 113-141.